

DESAFIOS DA HIBRIDAÇÃO

Álvaro Pessoa

Além do desafio das cores, do equilíbrio entre vegetação e floração, da busca da apresentação das flores e do espaço entre elas, das dimensões da haste floral, existe uma incógnita maior ainda: em que estação do ano o híbrido vai florir? Essa pergunta só pode ser respondida, depois de 5 ou 6 anos a partir da cruz, no caso de híbridos do grupo *Cattleya*. Ela é sempre uma incógnita!

Em plena época da clonagem de tecidos humanos, ainda trabalhamos em bases empíricas quando cruzamos plantas ou animais. Os zootecnistas só têm certeza do produto final, quando cruzam dois animais: galinhas e bichos da seda. Os milhões de cruzamentos feitos, dão 100% de certeza quanto à obtenção do produto final. Só esses dois e nenhum mais! O resto é empírico. Também em matéria de plantas, não há qualquer certeza quanto ao produto final.

A questão de acertar a época da floração é, no entanto, particularmente delicada. Claro que cruzar *L. purpurata*



Blc. Brazilian Juliana, destaque para a haste longa e firme dispensando tutor.

Foto e Cultivo de Álvaro Pessoa

com *L. tenebrosa* deve levar, em princípio, à floração para novembro/dezembro. Entretanto, nosso híbrido *C. Midway* (*C. loddigesii* x *C. harrisoniana*) floresceu 80% em fevereiro (como *harrisoniana*). Pouquíssimas plantas floriram em junho, como *C. loddigesii*. Por que? O híbrido primário que recentemente refizemos na cor vinho, *C. Ângela* (*C. labiata autumnalis* x *C.*

intermedia) floresce predominantemente na época de *C. intermedia* e não, como *C. labiata*, em fevereiro. Por que? Não se sabe ao certo.

Parte dessa tendência pode ser creditada à insolação ou à luz. A abundância de floração concentrada no inverno, deve ser creditada à insolação prolongada dos dias de verão/outono. Como o inverno tem dias de luminosidade menor (dias mais curtos), a floração da primavera/verão é marcada por acentuada queda na floração do grupo *Cattleya*.

Era esse nosso maior desafio, pois em contratos de aluguel de plantas, o



cliente não quer saber de filigranas. Quer plantas floridas doze meses por ano. Haja o que houver!

Tendo sido o maior hibridador do Brasil durante duas décadas, Rolf Altenburg nunca se preocupou muito com flores de orquídeas para os meses de verão. Ele sempre buscou mais a perfeição do que o sentido utilitário que as flores pudessem ter no mercado. De forma que, ainda hoje, as flores escasseiam nos meses de verão.

custos de energia crescendo, foi preciso que os cultivadores europeus, americanos e japoneses, reduzissem as dimensões de suas estufas aquecidas. Que custam caro para serem aquecidas. A redução do tamanho das plantas era inevitável.

Neste capítulo, as *Laelias* rupículas brasileiras e o gênero *Sophranitis*, tiveram papel preponderante. Ambos são verdadeiras usinas de energia redutora e serviram bem para os propósitos



Foto e Cultivo de Alvaro Pessoa

Lc. Brazilian Mulata (*Lc. Amber Glow* x *Lc Fire Island*), exemplo de boa haste floral, harmonia de cores e flores bem apresentadas.

A partir de 1980 aproximadamente, os cultivadores de São Paulo e os do Rio de Janeiro, começaram a importar híbridos japoneses e norte-americanos. Já então, muitos eram mini-Cattleyas. A dimensão das plantas diminuíra, em decorrência da crise do petróleo deflagrada pelos países árabes. Com os

desejados. *L. briegei* é uma laelia rupícula de enorme potencial, já que não reduz em excesso o tamanho das plantas com ela cruzadas. Em *L. liliputiana* a redução é muito mais acentuada.

A cruz de *L. briegei* com *Blc. Waikiki* gerou *Blc. Haw Yuan Moon*, planta esteio para inumeráveis cruza-

mentos bem sucedidos, a maioria florindo em novembro e dezembro. Outro estribo veio da cruz de *C. aurantiaca* com *C. guttata*, gerando o famoso híbrido *C. Chocolate Drop*. Plantas com ela cruzadas, em virtude da influência de *C. guttata* (que floresce em fevereiro) geram belos híbridos florindo em dezembro e janeiro, de dimensões reduzidas, como planta.

Uma questão também decisiva em hibridação é o tamanho e a rigidez da haste floral. Bons híbridos derivados de *Laelias* rupícolas não devem precisar muleta; por muleta, entenda-se a necessidade da estaca de bambu, para sustentar o cacho de flores.

Híbridos com *L. briegei* tendem a gerar esse tipo de problema, que em *L. angereri* não ocorre. Dois dos mais populares híbridos em existência, *Lc. OrquidaRio*, (criação de Alexis Sauer) e *Lc. Little Mariana* (criação de Sandra Odebrecht) são lindas, mas raramente sustentam a própria beleza. As hastes florais são molengas, necessitando de

“muleta”

Outra linhagem possível de plantas com forma de rupícolas, foi desenvolvida com *L. milleri*. *Lc. Hillary Hope* foi registrada como resultado de cruzamento de *L. milleri* com *C. loddigesii*. Durante muito tempo acreditei que o criador do híbrido tivesse confundido alguma *L. angereri* vermelha com *L. milleri*. Até que defrontei-me com o mesmo híbrido refeito pela Rosário, do Quinta do Lago. A haste de *milleri* se mantém notavelmente alta no híbrido.

Por que? No próximo número tentarei explicar os porquês!

Álvaro Pessoa

email: pessoa@apadv.com.br

